

Notas sobre a (des)(re)organização do caos  
Davi Costa da Silva – 7617226

[...]  
O medo, com sua física,  
Tanto produz: carcereiros,  
Edifícios, escritores,  
Este poema,  
Outras vidas.  
[...]  
(ANDRADE, C.D., 2005, p. 35)

Sentados num banco da América folhuda  
O cow-boy e a menina  
Mas um sujeito de meias brancas  
Passa depressa  
No Viaduto de ferro  
(ANDRADE, O., 1974, p. 120)

### **Sobre usos e coisas**

Faz-se necessário falar sobre os usos. Fala-se atualmente sobre tanta coisa mas pouca coisa é usada de fato para falar. Dá-se a impressão, inclusive, de que falamos no vazio. Acontece que nunca antes na nossa história estivemos tão imersos nas palavras e nas informações. Esse mar de informações é para muitos o grande culpado e tal conjectura é, para outros, o derradeiro pedido de socorro da sociedade, que clama – dizem – pelos formadores de opinião, nossos guias no caótico labirinto informacional. E nunca antes o narrador de Walter Benjamin nos fez tanta falta – é o que dizem outros mais.

As dúvidas são frequentes. Afinal, como viver no caos? Como afirmar seguramente o próprio direito à existência se não há ordem nas coisas? É para isso que temos a ciência, não? Por outro lado, cabe também nos perguntarmos se é possível viver no excesso de ordem, na ordenação pura. Lembro-me do que Adorno escreveu:

Os ideais de pureza e limpeza, que são comuns a uma filosofia voltada para valores eternos, para uma ciência organizada de cima até em baixo, sem lacunas, coerente e intangível, bem como a uma arte intuitiva despida de conceitos, tais ideais trazem os traços de uma ordem repressiva. (ADORNO, 1994, p.172)

Daí vem a necessidade de se falar sobre os usos. Eles dão à ciência a flexibilidade necessária para não ser acusada de absolutismo. São eles que se encontram junto à verdade do agente e que dão sentido às suas ações (dizem).

Só que eles não são verdadeiramente o foco desse ensaio. Eles o atravessam, evidentemente, como as espadas de um mágico, que as traspassa pela caixa na qual esconde sua assistente e que, para o espanto do público (principalmente das crianças), de lá sai ilesa. O verdadeiro sentido, seja lá ele qual for, é tão indissociado do espírito que, assim como ele, é para nós inacessível (lembro-me de ter lido isto em algum lugar). Seria melhor tratar sobre os efeitos dos usos. Para esse propósito, o diálogo com Michel Taussig impõe-se a esse ensaio como se tivesse vontade própria. É com ele que penso aqui: “Mas por que as pessoas agem assim e como as respostas a esta interrogação afetam a pergunta – isto não tem resposta fora dos efeitos do real” (TAUSSIG, 1993, p. 15).

### **Sobre o medo das coisas**

Houve ainda quem apresentou uma tese que não deixa de ser verdadeira, mas compõe uma análise bastante superficial e incompleta. É o entendimento de que o que o discurso do Estadão apresenta é a construção de uma sensação de medo na população, que seria, por óbvio, desfavorável ao governo às vésperas da eleição e com possibilidade de um momento de otimismo puxado pela Copa. A análise é correta em parte, mas peca justamente por não analisar o conjunto nem o fundo do problema. A criação da sensação de medo é uma constante na mídia hegemônica, e tem uma consequência muito clara, igualmente constante: o clamor por repressão. É claro que há um tencionamento entre governo e esse setor da mídia, que procura influenciar o máximo possível os rumos do país [...]. A repressão é uma constante desde junho passado, e é a base de polícia e Exército que a Copa será realizada (HAUBRICH, 2014).

Algo está movendo os atos e coordenando suas ações. E esse algo é essencialmente político. Ao ler a citada matéria racionalmente argumentada de Alexandre Haubrich, não restam dúvidas de que algo muito grande está acontecendo, visto que nem as coordenações políticas do passado estão funcionando da mesma maneira: somos testemunhas do “alinhamento discursivo entre a mídia dominante e setores – inclusive midiáticos – ligados ao governo federal”, fazendo com que a “antiga classificação de setores midiáticos hegemônicos como Partido da Imprensa Golpista (PIG) se [enfraqueça] ainda mais (...)” (HAUBRICH, 2014). É algo de dar medo, com certeza.

Dois coisas se tocam e se entrelaçam nesse ensaio: jornalismo e Black Bloc. Carne e unha, gato e rato, ao meu ver. Combinação explosiva, evidentemente. Tudo isso devido ao jogo misterioso das ações e das palavras. Promovem o caos – aquele caos cotidiano que, de tempos em tempos, redonda em violência – e promovem as reações ao caos como uma espécie de contra-discurso que

busca enxergar a ordem no cotidiano como forma de devolver ao conforto as mentes ocidentais. E é por isso que essa associação é tão rica: entre a verdade jornalística e o caos do vandalismo todas as conexões são possíveis; tudo é verdadeiro e nada é.

No caso de Haubrich, a aliança entre dois antigos inimigos é de uma complexidade sedutora. Mas a política consegue ser mais objetiva e pragmática ainda.

Note-se que tais grupos [black blocs] se caracterizam por ações metódicas e organizadas. São como células que respondem a um comando, dotadas de extrema mobilidade e que conseguem muitas vezes distrair a atenção policial. Atrair a atenção sobre um ato determinado de vandalismo e depredação, com o objetivo de empreender outro muito maior em outro local.

Agem quando de manifestações pacíficas, fazendo-as acabar em violência, visualizada com grande estardalhaço pela mídia. A finalidade é ocupar a cena pública. Quanto maior for o impacto televisivo, maior será seu “ganho”, pois tais imagens se propagarão com força por todo o País e mesmo para além dele (ROSENFELD, 2013).

Nada de associação de setores nesse caso. A política consiste de interesses bem simples e determinados. O que Denis Rosenfield busca provar é que “o efeito objetivo dos agentes da violência, os black blocs ou outros nomes que se lhes queira dar, foi o esvaziamento das manifestações autônomas [de junho de 2013] e, mais do que isso, de suas bandeiras” (ROSENFELD, 2013). É por meio do medo da violência que os setores governistas recriam a normalidade cotidiana. Tão lógico que dá medo.

Jornalismo, Black Bloc, Copa do Mundo, Governo e PIG. Essas associações têm um potencial mítico estarrecedor. Não apenas mítico: poético-mágico também. Pois no momento em que provam a existências de certas conexões, a realidade da qual tratam as matérias jornalísticas é submetida a seu encanto poético, sofrendo o efeito irresistível de suas verdades. O que experimento nesse ensaio é uma forma de tentar liberar tal potencial.

### ***Falsiê, mas sem farsas***

Em sua monografia, Michel Taussig articula o efeito de terror das histórias espantosas que circulavam (e ainda circulam) durante o período de exploração da borracha no Putumayo colombiano com a obscuridade epistemológica do espaço da morte. As narrativas, compostas tanto por boatos quanto pelos os relatos técnicos e objetivos, como o do cônsul inglês Casement, ao modo das narrativas mágicas e rituais dos indígenas, pelo efeito mágico-mimético constroem a realidade

colonial. “A magia da mimese se encontra na transformação pela qual a realidade passa quando se descreve sua imagem” (TAUSSIG, 1993, p. 139). E isso consegue articular aquilo que compõe conhecimento social implícito. O que enxergo no caos vândalo é algo menos pretensioso mas não menos relacionado com essa compreensão semi-consciente das relações sociais. Refiro-me aqui ao uso do medo e, em especial, ao seu uso político. Somos tentados a acreditar que o caos black bloc é a oportunidade ideal para a manobras políticas.

Após o 11 de setembro, George W. Bush deu vida ao polêmico Patriotic Act, um conjunto de “Ferramentas Apropriadas Necessárias para Interceptar e Obstruir o Terrorismo”. Atualmente, nos EUA, terrorista é sobretudo o próprio cidadão norte-americano. Com base na prerrogativa de prevenção e retaliação, países como o Afeganistão e o Iraque foram deliberadamente invadidos. Agora, em 2014, o próximo alvo é o Brasil que, inclusive, estuda aprovar sua própria Lei Anti-Terrorismo (PLS 499/13). Após a lamentável morte do cinegrafista da TV Bandeirantes, Santiago Andrade, o tema tomou ares emergenciais de modo que no Senado a intenção é que a linha de lei já passe a ter validade antes da Copa. “Daremos 30 dias para o Governo do Rio de Janeiro moralizar por conta própria a situação caótica que antecede a Copa do Mundo. Se os terroristas locais, assassinos, Black Blocs, manifestações populares, vândalos, estudantes e até mesmo movimentos pacíficos que obliterarem a competição internacional não forem refreados, alargaremos o perímetro da FIFA para toda a cidade e tomaremos as rédeas da situação”, ameaçou Obama. Para o senador Humberto Costa, do PT, os ianques não devem se meter nos assuntos nacionais, sugeriu que Obama cuide do romance com Beyoncé e que a versão nacional da lei anti-terrorismo pode representar graves riscos aos direitos civis mais fundamentais. “Uma lei geral demais, como essa do terrorismo, pode levar a excessos do Estado contra o cidadão. O Brasil não precisa de outro AI-5”, afirmou. (DIÁRIO PERNAMBUCANO, 2014)

Essa notícia é verdadeira. “seja bem vindo obama para por ordem na casa”, “é bem vindo melhor EUA do que PT no poder”, “Se o obama prometer que vai matar Lula e todos esses vagabundos, pode invadir o que quiser! Hahaha.”, “estou pasma....” (DIÁRIO PERNAMBUCANO, 2014), comentaram alguns internautas na página do site de notícias que é *Falsiê, mas sem farsas*. O que quero ressaltar, mais uma vez com Taussig, é a capacidade do jornalismo em moldar para dentro e para fora o universo socialmente experimentado. “[...] essas histórias e a imaginação que elas sustentavam constituíam uma força política vigorosa, sem a qual a tarefa da conquista e da supervisão da coleta da borracha não poderia ter sido realizada” (TAUSSIG, 1993, p. 126). No Putumayo re-encantado de Taussig os efeitos políticos dessas histórias tocavam quase necessariamente a violência irracional. Nosso caso é outro, a aparente

ausência da tortura pode até mesmo ofuscar a paranoia dando a ela uma roupagem que delimita claramente realidade, ilusão, certeza e dúvida, e é o mesmo caso, pois vandalismo e repressão alimentam-se dessa mesma obscuridade epistemológica sobre a qual se refere Taussig. Aliás, uma ênfase: as dúvidas não estão presentes em se tratando de black bloc.

### **Colocaram colchões para eles**

O detonador dessa avalanche associativa foi uma matéria publicada pelo jornal O Estado de São Paulo. Em inícios de junho de 2014, o Estadão instaura o caos nas blogosfera e redes sociais ao publicar uma matéria com informações conseguidas por meio de entrevistas confidenciais com black blocs. Eis a abertura da matéria:

Os black blocs que executaram as ações de grande repercussão do ano passado continuam fora do radar da polícia, e prometem transformar a Copa do Mundo “num caos”. Para isso, alguns deles esperam que o Primeiro Comando da Capital (PCC), a organização que domina os presídios paulistas e emite ordens para criminosos soltos, também entre em campo. Não se trata de uma parceria, mas de uma soma de esforços. (SANT'ANNA, 2014)

A selva paulistana rompe o asfalto não como a rosa do povo drummondiana mas como a reminiscência da época das bandeiras. Se os efeitos das histórias do ciclo da borracha colombiano interpenetravam-se na criação de um realismo mágico socialmente experimentado, a semelhança da experiência de nosso presente experiencial e etnográfico ajuda a reativar, contando melhor, não só o passado colombiano mas como o nosso próprio passado. Bandeirantes e índios usam máscaras pretas e bombas de gás lacrimogêneo enquanto traficam drogas e realizam sequestros relâmpago. Para isso, a mediação jornalística é indispensável, assim como o eram os relatos da selvageria no Putumayo. Eles carregam uma força mágica. Elas criam e recriam o imaginário do paulistano entre uma xícara de café e a busca pelo controle remoto. Jornalismo fantástico.

Benjamin (1987) dedicou parte de sua atenção ao tema do jornalismo. Dedicou a ele também todo um ensaio no qual pensa suas inter-relações com a modernidade em sua pobreza experiencial respaldada no vácuo deixado pelo narrador, sem lugar nessa modernidade informacional. Mais interessante para esse ensaio é o encanto que Benjamin deixava transparecer pela forma jornalística, pela montagem realizada diariamente pelos jornais ao colocarem lado a lado informações que não guardavam relação nenhuma com as outras. Ao menos aos olhos dos jornalistas. A montagem jornalística está também aquém e além da forma, ainda muito mais fragmentada na circulação inter-redes computacionais, o que dificulta as citações de textos acadêmicos. “O veterano e uma bailarina de 21 anos, que abandonou um curso em uma universidade pública [...] contaram que membros do

PCC receberam bem na Penitenciária do Tremembé (interior de São Paulo) dois black blocs presos na manifestação de junho do ano passado do MPL” (SANT'ANNA, 2014).

“Colocaram colchões para eles’. Igualmente, o Comando Vermelho acolheu um ativista preso no Rio”. (SANT'ANNA, 2014).

Uma aula de montagem cinematográfica, incluindo oscilações entre *close-ups* e planos abertos, feito a cena do massacre na escadaria de Odessa, em *Couraçado Potemkin*, de Serguei Eissenstein:

Sete membros do núcleo participaram da ocupação da Câmara Municipal do Rio, no ano passado. Eles também estão associados a um grupo no Recife, uma das cidades do Nordeste que visitaram. “Fomos fazer campo de base”, disse o veterano. Ativistas colombianos e venezuelanos vieram trocar experiências com eles. A bailarina está interessada nos zapatistas, e prepara-se para visitar o México. Ela gosta do filósofo germano-americano Hebert Marcuse, ideólogo da contracultura, para quem “não temos que quebrar o sistema nem por dentro nem por fora, mas por suas brechas”. (SANT'ANNA, 2014)

A poesia cubista de Oswald de Andrade ecoa na pauliceia desvairada pós-moderna. Versos e frases em *close-ups* e planos abertos. Mas algo daquele encanto quase inocente perdeu-se para sempre. As metrópoles da América folhuda há muito deixaram de ser um lugar de pura contemplação. Se Oswald de Andrade estivesse vivo hoje (há quem diga que está) ficaria chocado ao saber que *cow-boys* e meninas (e mesmo sujeitos em escandalosas meias brancas) não se sentam mais próximos ao famoso viaduto de ferro. O Putumayo é ali. Nesse sentido, as folhas da América se tornam a melhor expressão da selva paulistana. O Diálogo é Aberto, sendo possível que jogue Nova Luz no centro e traga a ele sua redenção. Ele, que é tão parecido com a Europa! Suspiros. O Theatro Municipal é uma réplica da Ópera Garnier (simples, mas tem origens parisienses). É possível que, até lá, os Andrades e o resto do panteão esquecido de São Paulo já nos tenham arrebatado para as profundezas do reino das palavras. Quem sabe? Todos sabem. O que poucos sabem é que o ribeirão Anhangabaú, o “rio maléfico”, que tem o poder de adoecer aqueles que tocam na sua água, ainda corre lá, por debaixo do concreto.

### **Alegoria**

Black Bloc e PCC funcionam tão bem devido sua capacidade social de encerrar contradições sob uma mesma face neutra. Quase tudo o que tocam não resiste ao seu encantamento. São os mais recentes e poderosos mitos paulistanos, ao mesmo tempo mais complexos e mais simples do que as famosas lendas urbanas como a da pipoca temperada com cocaína ou o ladrão de rins.

Uma entrevista com supostos membros da tática black bloc, feita pelo jornalista Lourival Sant'Anna, do jornal *O Estado de São Paulo*, veiculada no domingo (01), é uma farsa. Quem afirma são os próprios membros do grupo anarquista em sua página oficial no Facebook. [...]

“Não tem como o black bloc dar entrevista porque o black bloc é uma tática de manifestação, e não um grupo organizado. Não se deixe levar por declarações falaciosas do Estado de São Paulo e derivados”, afirmam. (BRASIL DE FATO, 2014)

É por encerrar o contraditório em si mesmo, de ser ordem, de ser caos, ser esquerda, de ser tática, de direita, ser verdadeiro e falso, de ser grupo anarquista com liderança, sem perder a identidade que os fazem reivindicar papel de protagonistas do romance realista cotidiano. Na metamorfose na qual se submetem black blocs e PCC encontramos as alegorias paulistanas, claras e opacas, simples e incompreensivelmente complexas. Podemos enxergá-los, então, como imagens alegóricas, tal qual as que Benjamin imaginou como protagonistas da história não-burguesa. Mas mais importantes do que a importância epistemológica dessas imagens alegóricas é sua capacidade de ironizar os rituais do ocidente brasileiro. Mais do que projeções de um ritual acadêmico de ordenação do mundo, como diria Taussig, o jornalismo fantástico ensina e reencena o ritual de ordenação do cosmos todos os dias ininterruptamente, eliminando o caos da ordem do dia.

O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, reagiu às declarações de black blocs, publicadas pelo jornal “O Estado de São Paulo” neste domingo, 1, que prometeram transformar a Copa “num caos” e que anunciaram associação de esforços para as manifestações com o Primeiro Comando da Capital (PCC). “É inadmissível a união pelo crime”, desabafou, em entrevista ao jornal. “É inadmissível que pessoas queiram se associar ao crime para fazer reivindicações”, declarou o ministro. E avisou: “Não toleraremos abuso de qualquer natureza e as pessoas que praticarem atos ilícitos responderão nos termos da lei”. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2014)

Inclusive sofrendo os efeitos alegóricos de suas próprias verdades. Xamã e paciente, infraestrutura e superestrutura. Desestruturação. Tudo igual.

### **Cura jornalística**

Taussig dizia que a realidade ridiculariza a compreensão científica – e por que não, jornalística. “Se o terror prospera na produção da obscuridade e da metamorfose epistemológicas, ele, no entanto, requer aquela violência hermenêutica que cria ficções frágeis, sob o disfarce de realismo, da objetividade, etc., aplainando as contradições e sistematizando o caos”.

Reproduzo aqui um trecho da matéria de Paulo Nogueira:

Minha opinião sobre isso remete a Wellington: quem acredita nisso acredita em tudo.

Posso, é claro, estar errado. Mas que sentido haveria em integrantes do movimento Black Bloc abrir para o Estadão uma intenção que só vai lhes criar problemas?

Um ladrão avisa a hora em que pretende entrar numa casa?

Mais: alguém teria dúvida sobre as consequências calamitosas para a imagem dos black blocs ao se aliar ao PCC?

Ora, estupidez tem limites.

O que me chama a atenção, fora o absurdo do fato em si, é a maneira como a informação do Estadão foi tomada como verdade absoluta na internet.

Vários outros sites reproduziram a reportagem do Estadão. Dos que vi, nenhum se deu ao trabalho de escrever, ao menos, que a parceria entre o Black Bloc e o PCC era um fato segundo o Estadão. (NOGUEIRA, 2014)

O portal *Brasil de Fato* entrou em contato com o autor da matéria, que se defendeu. “Como digo na minha matéria, falei com o núcleo de black blocs mais experientes, responsáveis pelas ações de maior repercussão”. E eles não têm página no facebook. “Cuidado com quem se apresenta publicamente como black bloc. Isso contradiz a tática black bloc”. (BRASIL DE FATO, 2014)

“Aqui cada pessoa proporciona à outra um ponto de vista especial e uma função na estruturação e na interpretação sempre provisional da infra-estrutura imaginativa da sociedade [...]” (TAUSSIG, 1993, p. 430).

Selva.

## Referências

### *Livros*

ADORNO, T.W. O ensaio como forma. In.: COHN, G. & FERNANDES, F. *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Editora Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais, N. 54, 1994.

ANDRADE, C.D. O medo. In: \_\_\_\_\_. *A Rosa do Povo*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

ANDRADE, O. Anhangabaú. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: poesias reunidas*. Vol. 7, 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura: obras escolhidas*. Vol 1, 3ª Ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: editora Brasiliense. 1974.

TAUSSIG, M. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*.

Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Paz e Terra. 1993.

### *Artigos em jornais*

HAUBRICH, A. “O Estádio, os Black Blocs, o PCC e a Copa”. *Jornalismo B*. 04 jun. 2014. Disponível em <<http://jornalismob.com/2014/06/04/o-estadao-os-black-blocs-o-pcc-e-a-copa/>>. Acesso em 16/06/2014.

NOGUEIRA, P. “Sobre a alegada sociedade entre Black Bloc e o PCC para estragar a Copa”. *Diário do Centro do Mundo*. 1 jun. 2014. Disponível em <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/sobre-a-alegada-sociedade-entre-o-black-bloc-e-o-pcc/>>. Acesso em 16/06/2014.

ROSENFELD, D. L. “O uso político da violência”. *O Globo*. 4 nov. 2013. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/opiniao/o-uso-politico-da-violencia-10666776>>. Acesso em 16/06/2014.

SANT'ANNA, L. “Black blocs prometem caos na Copa com ajuda do PCC”. *O Estado de São Paulo*. Disponível em <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,black-blocs-prometem-caos-na-copa-com-ajuda-do-pcc,1503308>>. Acesso em 16/06/2014.

“Após confirmação de terrorismo, Obama estuda invadir o Rio de Janeiro”. *Diário Pernambucano*. 12 fev. 2014. Disponível em <<http://www.diariopernambucano.com.br/noticias/apos-confirmacao-de-terrorismo-obama-estuda-invadir-o-rio-de-janeiro>>. Acesso em 16/06/2014.

“Black bloc desmente entrevista que relaciona tática do grupo ao PCC”. *Brasil de Fato*, 2 jun. 2014. Disponível em <<http://www.brasildefato.com.br/node/28734>>. Acesso em 16/06/2014.

“Cardozo reage à ameaça de black blocs de ações na Copa”. *O Estado de São Paulo*, 1 jun. 2014. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,cardozo-reage-a-ameaca-de-black-blocs-de-acoes-na-copa,1503898>>. Acesso em 16/06/2014.

“Relação entre Black Bloc e PCC é verdadeira?” *Pragmatismo Político*. Disponível em <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/06/relacao-entre-black-blocs-e-pcc-e-verdadeira.html>>. Acesso em 16/06/2014.

### *Filme*

COURAÇADO POTESKIN. Direção: Sergei Eisenstein. URSS: Goskino. 75'. 1925.